UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
INSTITUTO A VEZ DO MESTRE

“A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL E PEDAGÓGICA BASEADA NA PEDAGOGIA INACIANA: ORIENTAR NA FORMAÇÃO DE 'HOMENS E MULHERES PARA OS OUTROS'”

Por: Giovana Helena de Mello Genaro

Orientadora
Prof. Geni Lima

Rio de Janeiro
2009

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
INSTITUTO A VEZ DO MESTRE

“A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL E PEDAGÓGICA BASEADA NA PEDAGOGIA INACIANA: ORIENTAR NA FORMAÇÃO DE 'HOMENS E MULHERES PARA OS OUTROS'”

Apresentação de monografia ao Instituto A Vez do Mestre – Universidade Candido Mendes, como requisito parcial para obtenção do grau de especialista em Orientação Educacional e Pedagógica.

Por: Giovana Helena de Mello Genaro

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, autor e razão de minha vida e de minha vocação; à minha amiga Aline, que, por me conhecer, insistiu em me fazer enxergar a “Pedagogia Inaciana” como meio de encontro vocacional e profissional; ao Colégio Santo Inácio do Rio de Janeiro, por me mostrar, concretamente e diariamente, que o sonho pode se tornar realidade; à minha orientadora de monografia, Geni Lima, por todo o incentivo e apoio e, por fim, a todos que – direta ou indiretamente – estiveram presentes em minha vida enquanto este trabalho foi realizado. Muito obrigada.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, em primeiro lugar, a todas as pessoas que me amam, especialmente aos meus pais José (*em memória)* e Aparecida, ao meu futuro marido Rafael e aos meus grandes amigos, por não medirem esforços em me incentivar e apoiar sempre que precisei; dedico-o, também, a todos os educadores, especialmente aos Orientadores Educacionais e Pedagógicos: que este trabalho os ajude para que nunca desistam de sua missão de contribuir para a formação de pessoas mais plenas e felizes.

RESUMO

Fazemos parte de uma geração que tem presenciado transformações surpreendentemente rápidas na sociedade em que vive: a cada dia, acontecem inúmeros avanços médicos, tecnológicos, educacionais, os quais não cessam de trazer, quase que ininterruptamente, novidades à população, apresentadas como “caminhos de solução para uma vida feliz”. No entanto, ao invés de se sentir mais feliz e realizada, diante de tão vasta gama de opções que surgem, a humanidade encontra-se cada vez mais infeliz e deprimida; os homens vivem cada vez mais isolados em seu próprio mundo, com tanto para aproveitar e sem saber como fazê-lo. Parecem não encontrar sentido em tudo o que se apresenta a eles e, na ânsia por resolver este “vazio”, tornam-se cada vez mais egoístas e ambiciosos.

Isto acontece porque tais avanços são muito exteriores e não vem acompanhados de uma efetiva educação interior, a qual prepararia o ser humano para dar o verdadeiro valor a cada opção que se lhe apresenta e, assim, aproveitá-la de maneira equilibrada e eficaz. O presente trabalho apresentará, particularmente, a educação interior do verdadeiro e profundo sentido do ser pessoa: ser “homem e mulher para (servir) os outros” e o importante papel dos Orientadores Educacionais e/ou Pedagógicos na mediação da formação de seus alunos como “homens e mulheres para os outros”. Acredita-se que, compreendido o sentido de pessoa que se pretende, o ser humano pode encontrar um caminho mais seguro para viver feliz.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido através de pesquisa bibliográfica e em *sites* da internet, baseada especialmente na Pedagogia Inaciana. Dessa forma usou, como fundamentos/argumentos, a Sagrada Escritura, bem como observações, possíveis constatações provenientes de estudos diversos. Também se desenvolveu baseado em citação de José Carlos Libâneo, durante entrevista. Utilizou-se, ainda, bibliografia de Luiz Fernando Klein, SJ e o conceito de “educação personalizada e comunitária” de Pierre Faure.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I	10
OS VALORES QUE REGEM A SOCIEDADE DE HOJE	
CAPÍTULO II	16
COLOCAR-SE A SERVIÇO DO OUTRO: PESAR OU ALEGRIA?	
CAPÍTULO III	27
ORIENTAR NA FORMAÇÃO DE PESSOAS “PARA OS OUTROS”	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
BIBLIOGRAFIA	39
ANEXOS	40
ÍNDICE	43

INTRODUÇÃO

Por que a humanidade tem se auto destruído tanto, sido tão infeliz e se tornado tão mais ambiciosa, egoísta, competitiva apesar dos inúmeros, válidos – e, considerados por muitos, belos – esforços de uma educação mais integral, mais aberta ao diálogo e à formação da cidadania?

O principal motivo deste trabalho é anunciar, explicitar, dentre tantos existentes, um caminho a mais para que o homem seja mais feliz.

Tudo o que é humano é de indiscutível relevância e interesse para o ser humano. E apesar de inspirar-se na fé, por ser uma pedagogia inspirada em Santo Inácio, a Pedagogia Inaciana *"é profundamente humana e, por conseguinte, universal"* (Pedagogia Inaciana – uma proposta prática, 2003: 18), englobando, desta forma, mesmo aquelas pessoas que não compartilham desta fé, mas que apostam naquilo que é "profundamente humano" e que torna o homem mais feliz.

De maneira especial, as Orientações Educacional e Pedagógica, que tanto agem – e sabem que o devem – não só para minimizar (auxiliar nos) conflitos da "ponte" escola-comunidade (sejam estes emocionais, educativos, familiares) como para ser mais um suporte na formação pessoal de seus alunos, contemplando-os integralmente – na totalidade do seu "ser pessoa" – precisam se interessar por e orientar suas práticas de maneira mais intencional àquilo que pode ser um meio a mais de tornar seus alunos homens e mulheres mais felizes.

Este trabalho é verdadeiramente importante para todos os Orientadores Educacionais e Pedagógicos (e comunidade educativa em geral) que não se contentam em orientar-educar integralmente apenas no discurso teórico, mas de maneira inteira e íntegra, abarcando, com profundidade, a totalidade do significado de "educação integral para a formação de pessoas mais felizes", ou seja para a formação de "homens e mulheres para os outros".

Com base nisso, deseja-se apresentar uma proposta mais intencional de educação à serviço do outro e da sociedade, baseada na Pedagogia Inaciana,

especialmente com relação às práticas dos Orientadores Educacional e Pedagógico, uma vez que acredita-se que a cidadania que tanto se deseja construir precisa ser melhor compreendida, definida. Além disso, para uma "educação para a cidadania", não basta esta ser apenas voltada para uma satisfação pessoal/profissional dos alunos e contemplar um "mero desencargo de consciência" no seu ser cidadão através de propostas "meramente assistenciais". Os alunos serão mais felizes, realizados e integralmente formados para o exercício de uma verdadeira cidadania se, de maneira mais empenhada e intencional, forem orientados para uma construção de si próprios e de seus conhecimentos à serviço "do outro", da sociedade. Em outras palavras, o ser humano pode ser mais feliz se encontrar a "felicidade do servir".

O objeto de estudo desta pesquisa é, portanto, o ser humano em suas concepções, valores, atitudes, escolhas e em como se encontra atualmente (emotiva/ psicológica/ socialmente). Trata-se tanto do ser humano "homem e mulher adultos", que já foram alunos e são, portanto, frutos de uma educação recebida e das crianças/adolescentes que são alunos e estão em processo de formação escolar, quanto daqueles educadores, responsáveis, de alguma forma, por esses "homens e mulheres" formados/em formação, especialmente dos Orientadores Educacionais e Pedagógicos.

Este ser humano será estudado tanto no contexto escolar/formativo (educacional) quanto na sociedade atual, construída, a cada dia, por ele mesmo. Tal estudo se dará através de seu desenvolvimento em três capítulos, nos quais pretende-se: identificar os valores que tem regido a sociedade atual, especialmente a comunidade educativa, e as consequências dos mesmos na formação dos alunos que se tornarão homens e mulheres, construtores da sociedade em que vivem; analisar as propostas e consequências do "colocar-se a serviço" dos outros, da sociedade, seja na construção e utilização dos conhecimentos adquiridos, seja na própria maneira de viver e construir a sociedade em que se vive; e, por fim, discutir, de acordo com a Pedagogia Inaciana, como a prática do Orientador Educacional e/ou Pedagógico pode ser diferente, se pautada na formação de "homens e mulheres para os outros".

CAPÍTULO I
OS VALORES QUE REGEM A SOCIEDADE DE HOJE

Essa é a lei natural: as crianças e os jovens de hoje são os construtores do amanhã; as crianças e os jovens de hoje são os construtores do mundo onde eles próprios, seus filhos e aqueles que amam viverão em um futuro breve. E não há dúvidas de que as principais “ferramentas” para a construção dessa sociedade futura serão os valores, as visões de mundo, de ser humano, de atitudes que as “pessoas construtoras” carregarem dentro de si, ferramentas estas que são formadas, criadas no presente.

Quando se fala das décadas de sessenta, setenta, logo se lembra de uma juventude ativa, com sonhos a serem conquistados, ideais a serem defendidos. Não se pretende rotular tal juventude, tampouco defender ou criticar suas atitudes, mas o fato é que uma multidão de jovens lutou, protestou, agiu de acordo com as necessidades daquele tempo. Estava na “mentalidade” de grande parte deles. E suas conquistas e as mudanças que a partir delas aconteceram, fizeram nascer a sociedade em que viveram. Hoje, o Brasil padece de outros males. E que “bagagem” está sendo oferecida para que estes futuros “homens e mulheres cidadãos” possam utilizar como ferramentas para a construção da sociedade em que viverão? Com tais bagagens, que sociedade se construirá?

1.1 Como estamos?

Nos últimos sessenta anos, fala-se e ouve-se exaustivamente dos progressos que a humanidade tem realizado: incontáveis descobertas científicas, inúmeros avanços tecnológicos... Aumentam-se as quantidades de informações e as possibilidades de acesso às mesmas, aumenta-se o conforto, aumentam-se as oportunidades de consumo, de viagens, diminuem-se as distâncias, as dificuldades de comunicação. A sociedade, atualmente,

apresenta os mais diversos caminhos para a “busca da felicidade” e, no entanto, jamais se ouviu dizer de uma geração que, embora tanto deseje ser feliz, estivesse tão infeliz, “vazia de sentido”, doente, deprimida e com tantos conflitos emocionais e psicológicos.

Ao mesmo tempo em que a juventude brasileira possui uma infinidade de possibilidades e oportunidades, os incentivos para as mesmas, muitas vezes, acabam se tornando quase que uma obrigação, uma “imposição velada” sob o discurso de uma realização pessoal, mas que deve acontecer de acordo com os padrões socialmente aceitos sobre essa tal realização pessoal. E assim, uma forte pressão e uma intensa cobrança recaem sobre “o futuro da nação” desde a mais tenra idade: as crianças crescem em meio ao discurso de “ser o melhor em tudo”, “se destacar em tudo o que faz” e muitas já não conhecem o que, de fato, é “ser criança”: precisam fazer inúmeros cursos em seus horários livres, pouco tempo sobra para brincar, sonhar, construir. E quando “brincam”, é quase certo que, isoladas, se refugiam em computadores e jogos eletrônicos.

Atualmente, os valores mais difundidos, defendidos (explicitamente ou não), são, além do consumismo exagerado, do “tudo se descarta”, do imediatismo, os da superação de si e do outro, da satisfação pessoal, do crescimento pessoal e profissional, do destaque pessoal e profissional. E desta forma nasce também, além de infeliz, doente, uma geração cada vez mais egoísta, ambiciosa, solitária, competitiva, que enxerga o outro como “concorrente”, como “aquele que pode tirar sua vaga em algum momento da vida”. Nasce uma geração que, desde muito cedo, perde a noção de respeito, tolerância, partilha, responsabilidade pessoal e social, não sabe dividir, não sabe esperar, quer tudo do seu jeito e na sua hora. É agressiva, acha que em tudo tem razão, responde a diversas situações com “tapas”, “pontapés”, “palavrões”, “cinismos” e, muitas vezes, nem mesmo os pais ou professores são poupados de tais reações.

1.2 A Educação

É indiscutível que o anseio pela Educação se apresenta em posição de destaque na sociedade. Quaisquer pais desejam que seus filhos recebam uma boa formação; nas campanhas e discursos políticos, a Educação é sempre prioridade, tida, inclusive, como a "base" para que tudo o mais se possa desenvolver eficazmente. No entanto, até mesmo a Educação que tem apresentado variadas propostas pedagógicas de formação integral, formação para a cidadania, formação inter-cultural, com seu discurso "interdisciplinar", "transdisciplinar", "supradisciplinar", no trabalho sério e sincero de pessoas que desejam responder a este "consciente coletivo" de anseio pela mesma com qualidade, acaba por contribuir para a formação de jovens construtores de uma sociedade na qual impera a lei do "cada um por si". Formação integral pressupõe a abrangência de todas as áreas da pessoa do aluno: histórica, pessoal, intelectual, afetiva, espiritual, social... Em grande parte das escolas, porém, o que mais se ouve (mesmo que implicitamente) é: "o que importa é estudar para passar nos primeiros lugares do vestibular de uma universidade pública". Tal objetivo traz embutido, o dever de "conhecer muito para superar a si mesmo e aos outros"; "ser mais, ser muito, ser melhor". E os pais esperam, e até exigem das mesmas, essa formação, essa prioridade de conduta, embora, muitas vezes, tal exigência esteja "mascarada" pela escolha de um colégio que anuncie como "trilha pedagógica", as tais formações "integral", "para a cidadania". Se de tais pais, os filhos, entretanto, saírem muito bem formados "para a vida" e não passarem no vestibular, certamente a avaliação que a escola receberá não será tão positiva. Isto porque, atualmente, a sociedade brasileira possui seu valor de educação profundamente relacionado ao sucesso no ingresso a uma boa universidade.

1.2.1 Formação para a cidadania

Focando, brevemente, na ideia de "formação do aluno para a cidadania", pode-se questionar: para a Escola, qual o conceito que se tem de "cidadania"?

O que significa “formar para a cidadania”? Segundo Castilho,

> *“é interessante notar que a etimologia da palavra "cidadão" remete obviamente à "cidade" (do latim civitas, que, no mundo romano, corresponde a pólis, a Cidade-Estado dos gregos)*. (Castilho in <http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/revistaspge/revista2/artigo8.htm> 04/04/2009).

Ao se procurar a definição literal da palavra “cidadão” em algum dicionário, será encontrada, por exemplo, *“Habitante de uma cidade. Indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado”* (In <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php> 04/04/2009).

Sabe-se, no entanto, que não é apenas para essa cidadania que a escola se propõe a formar. O significado de “aluno-cidadão” desejado é muito mais amplo que o de “habitante de uma cidade com direitos e deveres”. Este trabalho não pretende discutir ou definir a tão vasta questão sobre o que é, de fato, “formar para a cidadania”, no entanto apresenta, com clareza, aquilo que certamente não o é: muitas escolas se escondem de um compromisso verdadeiro, consciente, processual e trabalhoso de formação para a cidadania, descansando sua consciência em “projetos” que carregam explicitamente como objetivo teórico a “formação de cidadãos”. Tais projetos, muitas vezes, tratam de assuntos importantes e urgentes, mas são isolados da realidade do aluno e da comunidade à qual ele pertence; são realizados como algo “a parte” do contexto escolar, algo “extra”, que acaba por não ter importância para a vida pessoal do aluno, do professor ou dos pais (quando, a estes últimos, atinge de alguma forma) e, por isso, não se tornam costume, não mudam posturas, visões de mundo, valores, não são “levados”, nem seus objetivos nem seus aprendizados, “para o resto da vida”, não são incorporados pelos seus participantes em sua “maneira de ser, agir e pensar”; tais projetos, muitas vezes, são desconexos, sem sentido, porque não tocam o coração, não

“abalam as estruturas interiores” de seus envolvidos, são momentâneos, práticos, bonitos, assistenciais e acabam, na maioria das vezes, nos lixos. Exatamente o mesmo ocorre com o discurso de uma educação “intercultural”: é quase certo que não é uma semana de estudos e apresentações sobre determinada cultura que trará os resultados pretendidos com a interculturalidade.

1.3 O que falta?

Não se pode negar que os atuais discursos de “superação”, “ser melhor”, “eficácia e eficiência” trazem, também, muitos estímulos positivos para o ser humano. Porém, seu exagero acaba por gerar uma “síndrome narcisista”, especialmente quando se trata de oportunidades de emprego, estudo, nas quais o acesso é limitado via algum tipo de “processo seletivo” (como os vestibulares, concursos públicos) e nesta situação acaba-se por se esvair, imperceptivelmente, a noção de humanidade: crianças “tornam-se robôs”, controladas e formadas pelo vislumbrar daquele vestibular que, um dia, irão prestar. Adolescentes “tornam-se robôs”, com uma vida de estudos inesgotáveis para passar neste vestibular que já se aproxima. Aprende-se, a cada dia mais, a ser sozinho, a viver sozinho, estudar sozinho... Ou então, aproveita-se daquilo que o outro pode oferecer para seu benefício e depois “descarta-se” o que não lhe serve mais.

Percebe-se que tal situação é observada não apenas em questões educacionais, mas nos próprios relacionamentos interpessoais. Despreza-se qualquer tipo de processo, de construção, de conhecimento profundo e verdadeiro do outro, para o qual é necessário “gastar tempo”, e com o qual se gera comprometimento mútuo... E assim como todos os tipos de objetos que pertencem aos jovens de hoje, as amizades, os amores, a escola, os professores, os pais, a natureza, enfim, tudo o que não se compra, acaba por se tornar seu, está em suas mãos e pode ser usado “ao seu bel prazer”.

Não se deve, de modo algum, desprezar a importância e a necessidade de uma educação integral que contemple os sentimentos, a história de vida, a

aprendizagem significativa, a educação do ser humano em todo o seu “ser pessoa”, visando, sim, a sua felicidade: sem o encontro “consigo mesmo” não se pode “encontrar o outro”. Diante disso, nota-se que em diversas propostas pedagógicas, correntes educacionais, já está presente o discurso da “colaboração”, ou seja, do trabalhar em conjunto. Para que, no entanto, este trabalho em conjunto aconteça de forma eficaz, é preciso não somente estar “com” o outro mas estar “disponível” para o outro; é preciso deixar de lado a visão da satisfação pessoal apenas, de uma colaboração com o sentido de “troca de favores” para se pensar, para se desejar, também, a satisfação do outro. Mais ainda: para se procurar fazer mais, conhecer mais, para o bem do outro. O discurso do “serviço”, da gratuidade, ainda assusta: falta o discurso mais intencional do “ser homem, ser mulher para servir ao outro”.

CAPÍTULO II
COLOCAR-SE A SERVIÇO DO OUTRO: PESAR OU ALEGRIA?

"A pessoa é feita à imagem de Deus: imagem fraca, muitas vezes amarrotada e deformada, mas que é o fundamento de seu ser, sua fonte" (Faure, apud Klein, 1998: 29). Deus criou o homem "por amor" (Catecismo da Igreja Católica, 2000: 21) e *"não cessa de chamar todo o homem a procurá-lo, **para que viva e encontre a felicidade**"* (id., 2000: 22). No entanto, este ser humano não se realiza sozinho e aquele que tudo quer para si, nunca é verdadeiramente feliz, pois *"o homem criado por Deus não é apenas indivíduo, mas sociedade"* (LATOURELLE, 1981: 410). Se o homem é sociedade, se faz parte da sociedade, se é construtor ativo da sociedade em que vive, zelar pela mesma é, então, zelar por si mesmo. De acordo com as Características da Educação da Companhia de Jesus, *"o verdadeiramente humano se encontra unicamente em relações com o próximo que se baseiam em atitudes de respeito, amor e serviço"* (CEC[1], 1998: 27) Esta dimensão social presente em todo ser humano, precisa ser trabalhada, inclusive (se não principalmente) pela Educação. Apresentar-se-á, a seguir, uma proposta educacional que já caminha nesta perspectiva.

2.1 Uma proposta educacional existente

Em seu projeto pedagógico de uma "educação personalizada e comunitária", Pierre Faure inspira-se em Mounier para definir seu conceito de ser humano e tal conceito é muito bem explicado por Luiz Fernando Klein, SJ, em sua obra "Educação Personalizada – desafios e perspectivas". Nela, Klein discorre sobre o ser humano, o qual é entendido por Faure, como indivíduo e

[1] Utilizar-se-á tal abreviação nas citações do livro "Características da Educação da Companhia de Jesus".

pessoa. Este ser humano, que certamente está inserido em um grupo de semelhantes, como indivíduo reproduz as características de tal grupo e como pessoa *"manifesta caracteres próprios, originais, irrepetíveis e inconfundíveis, fruto de um trabalho de construção interior"* (Faure *apud* Klein, 1998: 29). Tal construção interior apresenta uma dimensão dupla

> *"'ad intra', enquanto é a pessoa que se faz e se desenvolve por sucessivas unificações interiores, e 'ad extra', pela qual tende sempre a se projetar, se transcender, a caminhar em direção aos outros e a se comprometer com eles, impulsionada pelo amor."* (Faure apud Klein, 1998: 29)

Conforme trabalhado no capítulo anterior, é justamente o discurso do *"caminhar em direção aos outros e se comprometer com eles"* (id., ibid.) impulsionados pelo amor que não tem sido anunciado, explicitado, sequer, talvez, desejado pela maioria das instituições educacionais dos dias de hoje. E na falta do discurso, não se cria nos alunos o desejo de serem "homens e mulheres para os outros" e sim que muito conheçam para serem os melhores, para passarem no vestibular... cria-se, sim, e até imperceptivelmente por estes mesmos alunos, homens e mulheres cada vez mais ambiciosos, egoístas e infelizes, construtores de uma sociedade que permanecerá ambiciosa, egoísta e infeliz.

A Pedagogia Inaciana, no entanto, é uma proposta pedagógica que apresenta, explicitamente, uma finalidade diferente para a educação. Inspirada em Inácio de Loyola, esta pedagogia expressa tal finalidade educativa como: *"formar o 'homem para os outros'"* (Arrupe *apud* Fuentes in <www.pedroarrupe.com.br/upload/pivisao.pdf>, acesso em 26/03/2009); Tal homem formado, segundo Kolvenbach, é *"'consciente, compassivo, competente'"* (Kolvenbach *apud* Fuentes in <www.pedroarrupe.com.br/upload/pivisao.pdf>, acesso em 26/03/2009), e, no entanto, não se limita a ser competente, consciente mas é *"imbuído do humanismo social"* (Fuentes in <www.pedroarrupe.com.br/upload/pivisao.pdf>, acesso em 26/03/2009).

2.1.1 Breve síntese sobre a Pedagogia Inaciana

Antes de qualquer consideração sobre a Pedagogia Inaciana em si, não se pode deixar de explicitar que o modelo para o desenvolvimento de tal trabalho educativo – de acordo com a tradução do texto "Identidad y Misión" – *"é a pessoa de Jesus Cristo, cujo exemplo de liberdade interior, de opção preferencial por Deus Pai e compromisso incondicional com os outros pode ser estimulador para todos, até para os membros de distintas confissões religiosas"* (trecho retirado da tradução de *'Identidad y Misión', in: Proyecto Educativo Común (PEC) de la Compañia de Jesús en A. Latina*. Rio de Janeiro, Coleccíón CPAL, 2006: 45-60).

Baseado em Arrupe[2], Klein relata que

> *"o aluno há de ser tratado na dignidade de quem é criado e profundamente amado por Deus, vocacionado a transcender-se e a libertar-se de suas (...) visões distorcidas da realidade, de concepções falsas do ser humano."* (Klein, 1997: 55)

Portanto, uma educação inspirada em Santo Inácio, com relação a este mesmo aluno, *"deve saber responder também às suas mais profundas aspirações (...) oferecendo-lhe (...) um grande ideal de vida que ultrapasse a formação acadêmica"* (id., ibid.). Para melhor tentar cumprir esta missão, a Pedagogia Inaciana – inspirada nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola – possui por base um "paradigma", o Paradigma Pedagógico Inaciano (mais conhecido por P.P.I.), através do qual são apresentadas as dimensões que orientarão, direcionarão os educandos e educadores no processo ensino-aprendizagem de um trabalho *"eminentemente personalizador[3]"*. São estas: *contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação*. Tais dimensões, como o

---

[2] Padre Pedro Arrupe foi eleito, em 1965, Superior Geral da Companhia de Jesus e permaneceu neste cargo por quase vinte anos.

[3] Expressão retirada da tradução, por Luiz Fernando Klein, SJ, de *'Identidad y Misión', in: Proyecto Educativo Común (PEC) de la Compañia de Jesús en A. Latina*. Rio de Janeiro, Coleccíón CPAL, 2006: 45-60.

próprio nome confirma, não são passos e são vividas de maneira não linear. Abordar-se-á rapidamente, a seguir, cada uma delas.

O *contexto* é o ponto de partida, o meio e o ponto de chegada de qualquer processo ensino-aprendizagem e, portanto, não pode ser desprezado. Quando se fala da dimensão *contexto* do P.P.I., fala-se de observar (permanentemente, uma vez que cada um dos "objetos" seguintes vive/está sob constante mudança) e considerar concretamente professor, aluno, currículo, estrutura escolar, clima escolar e mundo. Em outras palavras, quando se fala da contextualização, dever-se-ia subentender que

> *"os professores e demais membros da comunidade educativa deveriam considerar: o contexto real da vida do aluno (...); o contexto sócio-econômico, político e cultural no qual o aluno vive (...); o ambiente institucional do colégio (...); conceitos adquiridos previamente que os alunos trazem consigo no início do processo de aprendizagem"* (Pedagogia Inaciana – uma proposta prática, 2003: 45-48) .

Com relação à dimensão *experiência*, tem-se como ponto de partida da mesma, a experiência do aluno, o qual participa com a mente, o coração e a vontade. Tal experiência, para Inácio de Loyola, significa "'saborear as coisas internamente'". Esta dimensão, portanto, corresponde a *"qualquer atividade em que, junto com uma aproximação cognitiva da realidade em questão, o aluno percebe uma reação de caráter afetivo"* (id.: 50).

A dimensão *reflexão* será, então, a tomada de consciência do sentido da experiência, descrita acima, vivida. Dessa forma, será reflexão:

> *"quando se percebe com maior clareza a verdade em estudo (...); quando se diagnosticam as causas dos sentimentos ou reações que se experimentam ao considerar atentamente alguma coisa (...); quando se penetra mais a fundo nas implicações do que se chegou a entender por si mesmo ou com a ajuda alheia (...); quando se conseguem convicções pessoais sobre fatos opiniões,*

> *verdades – distorcidas ou não – e coisas semelhantes (...); ao conseguir compreender quem sou (...) e quem deveria ser em relação aos outros"* (id.: 55-56).

Consequência da experiência refletida será a *ação*. *"A reflexão só faz crescer e amadurecer quando resulta em decisão e compromisso"* (id.: 60). Diante disso, a dimensão da ação trata do crescimento interior do aluno, que o levará a atitudes (interiores – em um primeiro momento – e exteriores, posteriormente) concretas.

Por fim, apresenta-se a dimensão *avaliação,* a qual possui um caráter diagnóstico, verificador e deseja analisar processos e não apenas resultados. Dessa forma, com relação aos alunos, *"é essencial a avaliação periódica do seu progresso nas atitudes, prioridades, modo de proceder de acordo com o objetivo de ser 'pessoas para os outros'"* (id.: 63).

Em estudo[4] realizado por José Luis Fuentes, SJ, nota-se que a "Pedagogia Inaciana" apresenta os quatro elementos essenciais para que seja considerada verdadeiramente uma pedagogia, de acordo com esquema elaborado pelo delegado de educação da Colômbia, Carlos Vásquez Posada, sendo estes: "Teoria Educativa ou Inspiração", "Pedagogia propriamente dita ou Caminho", "Metodologia ou Ferramentas" e "Gestão de qualidade". Discorrer-se-á, sucintamente, baseado no estudo explicitado acima e com todas as citações retiradas do mesmo, sobre cada um destes elementos, caracterizando-os de acordo com as particularidades da Educação Jesuítica ou Pedagogia Inaciana:

I) Teoria Educativa – Inspiração

São três as dimensões que formam a teoria educativa da Pedagogia Inaciana: Dimensão Filosófica, Dimensão Teológica e Dimensão Sócio-Política.

A dimensão filosófica apresenta três *"princípios geradores de conceitos e valores"*, dentre os quais destacam-se a teleologia (finalidade da prática educativa – já citada acima – ou seja, a formação de "homens e mulheres para

---

[4] "Pedagogia Inaciana, uma visão sintética" (www.pedroarrupe.com.br/upload/pivisao.pdf, acesso em 26/03/2009)

os outros"), a antropologia (um princípio de uma filosofia, parte de uma pedagogia que possui como centro o ser humano e não o conteúdo, pois é o homem, criado por Deus à sua imagem e semelhança, centro de sua criação) e a epistemologia (sendo a construtivista a adotada e assumida pela Pedagogia Inaciana).

Já a *"dimensão teológica implica uma visão de Deus, uma visão de Igreja e a própria espiritualidade inaciana"*: A visão de Deus, segundo Inácio, é a de Deus criador, presente na vida e na história de seu povo, que comunica sua vontade; *"é o fim último, a meta última, a necessária referência do homem"* e deseja colaboradores para a Sua missão. Inácio percebe-se chamado a ser companheiro de Cristo; A visão de Igreja, dentro desta dimensão teológica, segundo Fuentes, é a de *"verdadeira esposa de Cristo", "mediação para explicitar para o jesuíta a missão e a vontade de Deus"* e, em vários documentos, atuais ou que se mantém atualizados, expressa sua visão de escola, de educação; por fim, a espiritualidade inaciana, que enxerga toda a criação de Deus como boa mas que deve, contudo, ser usada ordenadamente: *"Ensinar os jovens a usar as coisas da terra e a usá-las positiva, mas ordenadamente, e levá-los a descobrir a revelação de Deus na criação, eis a tarefa da educação"* (Caraterísticas da Educação da Companhia de Jesus *apud* Fuentes, in <www.pedroarrupe.com.br/upload/pivisao.pdf>, acesso em 26/03/2009). A educação, no entanto, não pode doutrinar, domesticar, mas deve levar, segundo Fuentes à *"construção da própria liberdade"*, sendo esta, dom do próprio Deus para o homem e pode, portanto ajudá-lo a discernir na escolha entre valores tão conflitantes existentes no mundo.

> "Não há lugar para mediocridade na visão de Inácio. O modelo é Jesus Cristo, o homem para os outros. O seguidor de Jesus há de assinalar-se no maior e melhor serviço a Deus e aos homens".("Pedagogia Inaciana, uma visão sintética" <www.pedroarrupe.com.br/upload/pivisao.pdf, acesso em 26/03/2009>)

A dimensão sócio-política apresenta uma educação que tem por objetivo preparar para a cidadania, mas, de acordo com Fuentes, *"preparar um cidadão situado no contexto concreto de uma nação que possui uma Constituição, algumas leis básicas, e um ideal de sociedade"*, indo esta, *"muito além das fronteiras da nação"*, pois todos os direitos básicos do ser humano (alimentação, saúde, moradia, educação, lazer), a igualdade entre todas as pessoas (independentemente de sexo, raça, religião), bem como "os direitos da infância e adolescência fazem parte do ideal cristão em qualquer parte do mundo" (CEC *apud* Fuentes, in <www.pedroarrupe.com.br/upload/ pivisao.pdf>, acesso em 26/03/2009).

II) Pedagogia Inaciana – Caminho

Fundamentada na experiência e proposta de Inácio nos Exercícios Espirituais, a Pedagogia Inaciana apresenta alguns aspectos bem característicos, tais como: Acompanhamento e seguimento pessoal, o qual *"consiste em percorrer, junto com o aluno, todo o processo necessário para alcançar seu crescimento pessoal"*; Paradigma Pedagógico Inaciano (ou PPI), que se desenvolve, conforme estudo de Fuentes – e como já explicado anteriormente – em cinco dimensões: "contexto (situar a realidade num contexto ou situar-se nela), experiência (experimentar vivencialmente essa realidade), reflexão (refletir sobre a experiência), ação (agir consequentemente à reflexão) e avaliação (avaliar a ação e o processo anterior todo)"; Atitudes e Princípios Pedagógicos Personalizados, que, utilizados pelo educador inaciano, pretendem garantir estimular e proporcionar aos estudantes: singularidade da pessoa, liberdade e autonomia, atividade do aluno, criatividade, socialização, dimensão transcendente e normalização (no sentido de que o aluno se comporte da maneira "esperada" em cada atividade realizada (lúdica, religiosa, acadêmica, social...) Acrescenta-se, a este "item" a percepção de como isso se faz necessário, uma vez que nossas crianças encontram-se cada vez mais perdidas e sem saber como agir/reagir em cada situação: vão para a sala de aula como se estivessem em um parque; participam de uma atividade religiosa como se estivessem na sala de sua casa; querem fazer de todos os momentos,

momentos de recreio, intervalo, brincadeiras e conversas sem fim, entre outras situações); Ações Pedagógicas, que sustentam *"princípios, valores significativos e hábitos para a formação integral*", tais como: *"formação da afetividade, formação da liberdade e autonomia, formação social, formação religiosa, formação espiritual"* (CEC *apud* Fuentes in <www.pedroarrupe.com.br/upload/pivisao.pdf>, acesso em 26/03/2009).

III) Metodologia – Ferramentas

As ferramentas ou instrumentos utilizados, são os apropriados – e personalizados – para se executar, em sala de aula, o PPI (Paradigma Pedagógico Inaciano). Para a prática educativa em si, faz-se uso de ferramentas tais como: Preleção Inaciana (através da qual o educador prepara os alunos para a atividade pessoal que será realizada); Repetição Inaciana (a qual vai ajudar, através da retomada do tema estudado nos pontos que geraram grande satisfação ou insatisfação, *"a esclarecer o momento da aprendizagem que se está vivendo e aprofunda assimilação do aprendido"* (CEC *apud* Fuentes in <www.pedroarrupe.com.br/upload/pivisao.pdf>, acesso em 26/03/2009), bem como verificar os conhecimentos compreendidos, os que precisam ser reforçados e a partir de quais se pode avançar no ensino); Projetos (contam com a participação e o compromisso de todos, diante de um tema a ser trabalhado que seja de interesse dos alunos. De acordo com Fuentes, *"consistem num programa acadêmico construtivista"*); Mapas Conceituais (quando um conceito é desdobrado em todas as suas relações e implicações, são manifestadas inúmeras dimensões desse mesmo conceito, o que, certamente, proporcionará uma melhor compreensão do mesmo. Trata-se de mais uma estratégia do construtivismo); Problemas significativos (segundo descrito por Fuentes, *"São temas problematizados que podem ser extraídos da realidade, da vida dos estudantes, ou das questões oriundas da própria matéria em estudo. (...) Lembram Paulo Freire"*); Núcleos Temáticos (instrumento próprio para o Ensino Médio, trata daqueles temas centrais, nucleares, que possuem, girando em torno de si, os demais conhecimentos da área a que pertencem) e, Dinâmicas de Grupo, entre outras.

Fuentes reforça, entretanto, que nem todas as ferramentas acima citadas, possui uma didática de aplicação totalmente conhecida pelos educadores, pois cada uma delas *"tem a sua técnica e exige aprendizado teórico e prático"*. Dessa forma, a eficácia da utilização das mesmas pode ser, muitas vezes, inferior à esperada.

IV) Qualidade Integral – Gestão

A Qualidade Integral é a gestão administrativa, que torna viável, ao colégio, toda a proposta educativa e se compõe de algumas áreas: Liderança Inaciana (*"implica em participação, consulta, discernimento..."* (CEC *apud* Fuentes in <www.pedroarrupe.com.br/upload/pivisao.pdf>, acesso em 26/03/2009)); Direcionamento estratégico e desenvolvimento da qualidade integral (trata-se de *"todo o processo de gestão da instituição para realizar a visão ou o sonho institucional que se deseja alcançar na obra"* (CEC *apud* Fuentes in <www.pedroarrupe.com.br/upload/pivisao.pdf>, acesso em 26/03/2009)); Desenvolvimento integral (centrado na pessoa e no *"acompanhamento pessoal aos membros da comunidade educativa. (...) Estimula a competência profissional"* (CEC *apud* Fuentes in <www.pedroarrupe.com.br/upload/pivisao.pdf>, acesso em 26/03/2009)); Satisfação do beneficiário (intermo ou externo) do serviço educativo; Comunicação Organizacional (*"tem a ver com a oportunidade, alcance, validade, análise e utilização de fatos e dados para melhorar efetivamente o desempenho do direcionamento estratégico da instituição"* (CEC *apud* Fuentes in <www.pedroarrupe.com.br/upload/pivisao.pdf>, acesso em 26/03/2009)); Desenvolvimento sustentável (refere-se, segundo Fuentes, *"ao equilíbrio que uma comunidade educativa mantém entre o crescimento econômico, a equidade de oportunidades para as pessoas e o uso eficiente dos recursos naturais"*); Garantia da qualidade integral (através de: avaliação contínua (metas, programas, métodos e serviço) e formação permanente da comunidade educativa) e, por fim, Resultados no aperfeiçoamento permanente (os quais *"tem a ver com os indicadores de qualidade que demonstram a melhora constante nos processos"* (CEC *apud* Fuentes in

<www.pedroarrupe.com.br/upload/pivisao.pdf>, acesso em 26/03/2009)).

Tal síntese da "sintética visão da Pedagogia Inaciana" realizada por José Luis Fuentes, SJ, não pode, e nem sequer pretende, esgotar todos os aspectos desta mesma Pedagogia. Apresenta, apenas, alguns dos mesmos que, tecnicamente, a permitem ser considerada como tal, e proporciona um primeiro contato com alguns dos objetos e ferramentas que compõem esta proposta de formação de "homens e mulheres para os outros".

2.2 A felicidade encontrada na proposta do "serviço"

Ao retomar-se a idéia, conforme Latourelle, de homem não "apenas indivíduo, mas sociedade", pode-se afirmar que *"em conformidade com a natureza social do homem, o bem de cada um está necessariamente relacionado com o bem comum"* (CIC[5], 2000: 507). Dessa forma, colaborará com o bem de cada um toda proposta educativa que *"ajudar outros a serem pessoa, a realizarem-se como pessoa, assumindo ao mesmo tempo um compromisso pessoal e comunitário"* (Pereira *apud* Klein in 1998: 39).

Diante disso, pode o "servir o outro" ser um peso para alguém? Se ser humano algum existe sozinho, se cada homem é sociedade e, portanto, somente se realiza ao viver como tal, consequentemente o "estar disponível ao outro", enxergá-lo como parte de si, serví-lo, zelar por ele, será caminho de "realização como pessoa", em outras palavras, realização pessoal. Observa-se, neste ponto, como se deveria viver o conceito de realização "pessoal": se "pessoal" provém de "pessoa", por que se caracteriza "pessoal" como algo "individual", "para si", esquecendo-se que a pessoa possui, conforme apresentado no item 2.1 deste capítulo, uma dimensão *"ad extra", "pela qual tende sempre a se projetar, se transcender, a caminhar em direção aos outros e a se comprometer com eles, impulsionada pelo amor"* (Faure *apud* Klein, 1998: 29)? Esquecendo-se desse "caminhar em direção aos outros", não

[5] Abreviação utilizada para citações do Catecismo da Igreja Católica.

deixaria a pessoa de realizar-se plenamente como tal e, portanto, não perderia uma chance de ser feliz?

Concluir-se-á o presente capítulo, com as palavras de Jesus Cristo, por ocasião da Última Ceia com seus apóstolos, realizada na véspera de sua entrega e morte na cruz, após lavar os pés dos que com ele se encontravam, ato, de acordo com a cultura e sociedade da época, reservado aos servos da mais inferior categoria:

> "Sabeis que vos fiz? Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou. Logo, se eu, vosso Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar-vos os pés uns aos outros[6]. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais também vós. (...) **Se compreenderdes estas coisas sereis felizes, sob condição de as praticardes**". (João 13, 12-15.17)

[6] De acordo com a nota de rodapé da Bíblia Ave Maria, "uns aos outros: deveis servir-vos mutuamente com toda a humildade".

CAPÍTULO III
ORIENTAR NA FORMAÇÃO DE PESSOAS "PARA OS OUTROS"

De acordo com as constatações apresentadas no capítulo I do presente trabalho, sobre os valores que as sociedades atuais possuem bem como sobre aquilo que lhes falta, pode-se pensar em uma escola que se empenhe na busca da formação/felicidade integral de seus alunos segundo a proposta apresentada no final do capítulo anterior, ou seja, através do serviço ao outro o qual é entendido, também, como caminho de felicidade. Dessa forma, pode-se pensar em uma *"escola como lugar da razão crítica, lugar da argumentação, lugar em que* ***o conhecimento se põe a serviço da sociedade****, dos movimentos sociais"* (Libâneo in Costa, 2007:5); ou ainda, segundo as idéias de Faure, uma escola que seja "centro de formação social" (Klein, 1998:48), na qual se aprenda não somente a estar com o outro mas a se comunicar com o outro. Essa comunicação, porém, não deve ser entendida apenas com o seu sentido literal, de emissão e recepção de uma mensagem, mas, conforme a proposta fauriana de educação personalizada e comunitária, *"como doação de si, da própria interioridade para enriquecimento do outro"* (id., ibid.). Para que tal escola seja real, no entanto, deve-se sustentar, em todo o ambiente escolar e por toda a comunidade educativa, o mesmo discurso de "ser mais, ser melhor mas para servir o outro, para ser 'dom' para o outro e para a sociedade".

3.1 O discurso sustentado nas diversas "esferas" escolares

Todo ser humano, e de maneira especial a criança – explicado, inclusive, pelo processo natural de seu desenvolvimento cognitivo que acontece de seus primeiros anos de vida até a adolescência (aproximadamente

aos 14 anos) – precisa, ainda que inconscientemente, de um “modelo” para se “mover”, seja na reprodução daquilo que se acha certo, seja na rejeição daquilo com o que não se concorda. Diante disso, a escola pensada, como explicitado acima, precisa “respirar”, em todas as suas esferas, os mesmos sentimentos e ideais, uma vez que a criança que nela entrar só se sentirá “afetada” pelo discurso que lá ouvir se enxergar a prática do mesmo, em atitudes reais e concretas, que a incluam e a motivem. Descrever-se-á, a seguir, as posturas que se acredita serem necessárias especialmente em três “esferas” da escola: o ambiente escolar como um todo, o corpo docente e o serviço de orientação educacional e pedagógica.

3.1.1 O Ambiente Escolar

Já é de conhecimento geral, por inúmeras pesquisas, verificações, análises e diversos outros meios de constatação, que em condições adversas e ambientes inadequados pode-se ter “bons frutos” de algum projeto ou idéia em que se acredita, uma vez que aqueles não são os únicos fatores responsáveis pelo sucesso ou fracasso destes: há um enorme conjunto de outros fatores que, unidos – e que em cada situação e/ou pessoa provocam um “efeito” – podem influenciar de maneira positiva ou negativa nos resultados esperados.

Entretanto, sabe-se também que quanto maiores forem os esforços de se “caminhar em uma mesma direção”, abrir espaços para as condições favoráveis e preparar ambientes adequados – bem como mantê-los – maiores as chances dos “bons frutos” aparecerem com maior abundância, não eliminando, no entanto, o risco do aparecimento de contrariedades. É como na agricultura: a plantação em um terreno bem preparado será mais bem sucedida do que uma semente jogada em um terreno qualquer, sem preparo e sem cuidado (embora surpresas possam vir a acontecer, tanto em um tipo de plantação como em outro).

Considerando-se a necessidade de “modelos” que o ser humano possui, acredita-se que para a escola ser “centro de formação social”, a criança que lá

se matricular precisará ver, sentir, conviver com sucessivas e intermináveis atitudes de respeito, acolhida, diálogo, preocupação e cuidados mútuos, amor, serviço, doação, partilha, enfim, tudo o que propicie a saída da busca pela satisfação apenas de si mesmo para o olhar atento e disponível ao outro.

Diante disso, qual sentido e peso esta escola dará ao ingresso às universidades? Que tipos de jogos e brincadeiras esta escola proporcionará aos seus alunos? Estimular-se-á competições? Nas “competições”, que por ventura ocorrerem, que sentido se passará da própria palavra “competição”, como se enxergará o outro? Como será ensinado aos alunos o lidar com o “ganhar” e o “perder”, o respeito pelo outro competidor, a importância da pessoa (superior à qualquer competição), seja ela do mesmo time/grupo, seja de outro? Qual sentido se dará às premiações? Não se trata, de maneira alguma, de uma proposta que pretenda abolir qualquer tipo de reconhecimento e premiação, uma vez que todo ser humano quer – e precisa – ser reconhecido para continuar, ganhar estímulos; trata-se de uma proposta na qual o sentido de tudo isso seja o do reconhecimento de um “dom”: recebe-se um “dom” e torna-se “dom” para o outro, pois acredita-se que uma formação será mais integral (de contemplação da educação e felicidade integrais do aluno) ao se passar pela dimensão de serviço e sociedade – conforme justificado anteriormente.

Quando se trata do ambiente escolar, trata-se de toda a comunidade educativa envolvida: refere-se sim aos tipos de cartazes, murais espalhados pelos corredores, às disposições das carteiras em sala de aula, à limpeza, organização, espaços e natureza mas principalmente às pessoas envolvidas, sejam elas diretores, funcionários, coordenadores, orientadores e professores (dos quais se tratará mais detalhadamente a seguir) – pessoas que “aparecem” no convívio dos alunos – sejam elas da área administrativa e que, por isso, trabalham de maneira mais “escondida” a esses mesmos alunos (funcionários da tesouraria, departamento pessoal, recursos humanos etc), sem, no entanto, deixarem de ser essenciais para o bom funcionamento da escola. Em tudo isso, em todos eles, o mesmo discurso deve ser presente e latente. A

coerência em todos os “cantos” da escola será fator primordial na formação e educação desses alunos que um dia formarão uma nova geração de “homens e mulheres para os outros”.

3.1.2 O Professor

O professor é, certamente, dentre todos da comunidade educativa, aquele que mais convive, que passa a maior parte do tempo com o aluno e, por isso, tem “nas mãos” uma grande chance de construir um ambiente e sustentar um discurso favoráveis à formação de “homens e mulheres para os outros”, especialmente ao assumir a missão de, segundo a concepção fauriana de educação personalizada e comunitária descrita por Klein, *“estimular, animar, provocar, instigar”*[7] seus alunos, de modo a se tornarem atores – atuantes – do processo de seu próprio desenvolvimento. Dessa forma, “atuantes de seu processo de desenvolvimento” (formação pessoal), tais alunos se utilizarão, no mesmo, das ferramentas que se lhes tiverem sido apresentadas e, sendo estas a de “ser para o outro”, considerando o sentido de “homem sociedade” de Latourelle (como apresentado no capítulo anterior), serão capazes de reconhecer, em si, esta dimensão social – inerente ao seu próprio ser – e não se deixarão calar pela idéia de uma felicidade “isolada”, para si mesmo apenas. *“Não se trata da formação pessoal de um lado e da formação social de outro (...). A realidade é que o pessoal conduz ao social e o social ao pessoal”* (Faure *apud* Klein, 1998: 48).

O professor tem a chance de “ver o todo”, observar seus alunos na construção do processo ensino-aprendizagem, perceber suas atitudes com os colegas, o quanto se buscam, o quanto se rejeitam, como se ajudam e se acolhem, como respondem às diversas questões e situações individualmente e/ou diante do grupo. Para um diretor, orientador e até para os pais (especialmente quando da pouca convivência diária com os mesmos, e ainda

---

[7] Idéia retirada do livro “Educação Personalizada – desafios e perspectivas”, Edições Loyola, 1998, pg 70.

uma convivência “isolada” do mundo ou de diálogos “pontuais” com o mundo) um aluno pode mentir, mudar de postura, manipular situações inúmeras vezes, mas um professor, que o observa todos os dias “em relacionamento constante com o outro”, é difícil de se enganar por muito tempo. Faure sugere para o desenvolvimento de uma educação personalizada e comunitária, dentre outras práticas, o “trabalho grupal”, o qual *“gira em torno de trabalhos práticos e dirigidos, de aplicação”* (Faure *apud* Klein, 1998: 63) e a “partilha”, exercício de *“pôr em comum o que cada um observou, obteve, refletiu”* (id., ibid.), de determinado conteúdo trabalhado. A “partilha” será, então, segundo Faure, *“um dos momentos que mais desenvolvem a dimensão comunitária da aprendizagem”* (KLEIN, 1998:63) e poderá acontecer ao fim de cada unidade didática embora seria melhor, segundo o mesmo autor, se pudesse acontecer em todas as aulas.

Como, no entanto, “dar conta” de toda essa chance de construir, proporcionar e executar uma educação verdadeiramente personalizada e comunitária, se o professor sente o peso de uma sociedade que ainda exige uma escola “conteudista”, com programas didáticos a serem cumpridos a cada ano, que, de certa forma, impõe currículos escolhidos por aqueles que não se envolvem com a realidade escolar e, portanto, pouco a conhecem? Como realizar isto, se o “dedicar tempo” a um projeto que exige uma mudança de mentalidade de toda uma geração (de educadores e educandos) acaba sendo visto como “perda de tempo”, uma vez que os valores que regem a sociedade atual, como exposto no primeiro capítulo do presente trabalho, são os de egoísmo, ambição, concorrência, bem-estar a qualquer custo? Como permanecer, este mesmo corpo docente, isento do desânimo e da preocupação ao se tentar conciliar o “conteúdo a ser desenvolvido” com uma “educação personalizada e comunitária” para salas de aula, na maioria das vezes, numerosas e com alunos que chegam na escola com os valores explicitados acima enraizados em seu interior? Tais valores, certamente contribuem para que sejam indisciplinados, desrespeitosos, gerando o desânimo que impede o professor de os estimular, e dessa forma, sem

estímulo, continuarão indisciplinados, desrespeitosos e desinteressados...

A *"escola como lugar da razão crítica, lugar da argumentação, lugar em que o conhecimento se põe a serviço da sociedade, dos movimentos sociais"* (Libâneo in Costa, 2007:5) acredita que é possível tal realização; as chances existem e precisam ser aproveitadas. Não se pode, porém, deixar tamanha responsabilidade somente nas mãos dos professores, pela situação da privilegiada convivência com os alunos que possuem: é preciso trabalhar em equipe e o professor pode e deve contar com o auxílio eficaz do serviço de orientação educacional e pedagógica de sua escola.

3.1.2 O(s) Orientador(es) Educacional e Pedagógico

Qual o papel, qual a missão de um Orientador Educacional e/ou Pedagógico na escola? Na prática, certamente este papel será muito mais do que se possa definir mas o próprio nome desta(s) função(ões) pode resumir claramente o seu sentido básico: o de orientar. Só precisa ser orientado aquilo que não pode seguir um caminho sozinho. O Orientador é como uma "seta" da escola, que aponta por onde a educação de seus alunos deve seguir, por onde ela deve passar; o Orientador "colhe" as observações/constatações principalmente – não apenas – dos professores sobre os alunos e faz as "pontes" necessárias entre "escola-família" na busca de uma melhor inserção dos mesmos no ambiente escolar e de um melhor aproveitamento educativo, de modo a favorecer um processo de "ensino-aprendizagem" mais efetivo e eficaz de acordo com as necessidades e condições dos "orientandos". Em outras palavras: o Orientador busca os meios para favorecer uma melhora na prática dos professores e na vida escolar dos alunos (o que atingirá positivamente, como consequência, suas famílias), por ouvir suas necessidades e tentar orientar para o suprimento das mesmas. Nas palavras de Grispun,

> *"O principal papel da Orientação será ajudar o aluno na formação de uma cidadania crítica, e a escola, na organização e realização de seu projeto pedagógico. Isso significa ajudar nosso aluno '**por inteiro**': com utopias, desejos e paixões. (...)a Orientação trabalha na escola em favor da cidadania, não criando um **serviço de orientação** para atender aos excluídos (...), mas para entendê-lo, através das relações que ocorrem (...) na instituição Escola."* (GRINSPUN, 2002: 29).

Como será, então, a Orientação Educacional e Pedagógica baseada na formação de "homens e mulheres para os outros"?

O objetivo de formação de tais Orientadores é especialmente um: oferecer caminhos para que alunos e professores sejam mais felizes, considerando a concepção de felicidade como a realização do "ser pessoa", *ad intra* e *ad extra*, indivíduo que se projeta ao outro, que se lança no serviço ao outro, e que, como não existe sozinho, completa, com a felicidade do outro, a sua própria felicidade, sentido máximo de sua vida dado pelo próprio Deus, o qual *"não cessa de chamar todo o homem a procurá-lo, **para que viva e encontre a felicidade**"* (CIC, 2000: 22). Dessa forma, o Orientador Educacional/Pedagógico, "absorvido" pela convicção do "serviço ao outro" como caminho para ser feliz, já constrói a sua própria felicidade ao colocar em prática aquilo que "discursará" em suas orientações; sua prática também precisará ser um "dom", serviço para o outro. Ele também precisará ser – e transparecer que o é – "homem/mulher para o outro".

3.2 A atuação do Serviço de Orientação Educacional e Pedagógica

No trato com os alunos, o serviço de Orientação Educacional continuará como de costume (vide, como alguns exemplos, artigos 8º e 9º do **ANEXO 1**), mas com os sentidos ao serviço "aguçados". Até o preenchimento de fichas,

encaminhamentos, avaliações, comunicados às famílias será diferente se o Orientador que o fizer tiver, em seu interior, a "intencionalidade reconhecida" de servir e buscar a felicidade desse aluno de quem se trata. Para tais atribuições, porém, não há "técnicas" que possam ser ensinadas ou resultados que possam ser medidos, "quantificados", apenas testemunhados: não serão mais estes "preenchimentos", "prazos", "instituições para contatos" que ocuparão de maneira prioritária as mentes dos O.Es e O.Ps[8], como acontece inúmeras vezes, mas as **pessoas** envolvidas. De suas outras atribuições, destaca-se as orientações pessoais (ou em grupo), para as quais a proposta aqui trabalhada não esconde segredos (mas pode gerar frutos profundamente positivos na vida de quem orienta e de quem é orientado): elas apenas necessitam ser realizadas de maneira a permitir e impulsionar, mais claramente, que o aluno volte o seu "olhar para si e enxergue o outro" e, dessa forma, procure serví-lo, não apenas respeitando-o mas buscando o seu bem e a sua felicidade. Se em todo ambiente escolar esse discurso for vivenciado e enxergado, certamente o será familiar ao aluno no momento de sua orientação.

Não são poucos os professores, especialmente da rede pública de ensino, que reclamam da falta de um O.E./O.P. com quem possam caminhar lado a lado (isto quando tal profissional está presente no colégio): sentem-se sozinhos, cobrados ("precisam fazer planejamentos, precisam cumprir planejamentos, precisam 'dar um jeito' na indisciplina, precisam saber lidar com as situações de dificuldades de aprendizagem e inclusão"...), muitas vezes não sabem por onde ir e nem a quem recorrer. No entanto, na perspectiva apresentada pelo sub-item acima, o Orientador Pedagógico (ou mesmo o Educacional) possui uma tarefa de especial importância na vida dos professores: a de estar junto com eles, para servi-los e não para controlá-los (como muitas vezes acontece). E, assim como estes o fazem com seus alunos, estimulá-los, animá-los, provocá-los, instigá-los, para que não desanimem quando as condições forem adversas, para que não lhes faltem estímulos para

[8] Abreviaturas que serão utilizadas ao se fazer referência ao Orientador Educacional (O.E.) e ao Orientador Pedagógico (O.P.)

continuarem a estimular, ânimo para continuarem a animar, para que não percam de vista o sentido de sua profissão/missão: servir ao outro para ensiná-lo a servir também e assim serem – ambos os “servos” – felizes! E talvez, seja esta relação com os professores a mais percebida diferença entre um “O.E./O.P. consciente, competente”, que trabalhe, como citado na fala de Grispun, para “*ajudar o aluno na formação de uma cidadania crítica, e a escola, na organização e realização de seu projeto pedagógico”* e um “O.E./O.P. consciente, competente”, que também trabalhe para *“ajudar o aluno na formação de uma cidadania crítica, e a escola, na organização e realização de seu projeto pedagógico”* porém intencionalmente voltado – com relação a si mesmo e àquele que ajuda a formar com sua orientação – ao “serviço de servir”.

Diante do que foi discutido no presente capítulo, pode-se surgir, ainda, uma importante questão: e se a escola em que se trabalha não tiver a pretensão de fazer desse discurso discorrido o seu discurso? E se, no momento de sua orientação, por não ser – o ambiente escolar – esse discurso vivenciado e enxergado, nada disso seja familiar ao “orientado”? No mínimo poder-se-á esperar que, tal aluno (professor, familiar...) não deixe de se sentir amado. E são inúmeras as consequências do amor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o desenvolvimento do tema do presente trabalho, pode-se voltar à questão inicial: em um processo de formação educativa, os alunos serão mais felizes, realizados e integralmente formados se, de maneira mais empenhada e intencional, forem orientados para uma construção de si próprios e de seus conhecimentos à serviço "do outro", da sociedade? De onde provém a "felicidade do servir"?

A experiência revela, a mídia noticia, os acontecimentos não permitem enganos: o mundo de hoje é globalizado, acelerado, palco de constantes transformações; é, ao mesmo tempo, cheio de conflitos e de inúmeros tipos de desafios; chega a ser desumanizante. Nas palavras de Kolvenbach[9], o mundo de hoje está *"dividido e fragmentado";* nele, *"prevalecem o materialismo prático e um feroz individualismo";* é um mundo no qual, *"impera sempre mais a guerra de todos contra todos",* impregnado por uma *"crise de valores* (que) *ameaça desintegrar nossa civilização"*.

De acordo com KLEIN, baseado em Arrupe, *"quanto mais o ser humano concentra-se em si, quanto mais acumula saberes, haveres e poderes, em si coisas boas, só para si, mais se descentra, desumaniza a si mesmo, os outros e as estruturas sociais"* (Klein, 1997: 56). Isto porque *"o homem criado por Deus não é apenas indivíduo, mas sociedade"* (LATOURELLE, 1981: 410). Logo, seguindo o conceito teológico de Deus Trindade e, desta forma, Deus Comunidade, se é o homem criado à Imagem e Semelhança de Deus, tudo aquilo que desfigure esta imagem e faz, portanto, o ser humano perder-se de si mesmo, desumanizar-se, não pode fazê-lo feliz.

Apesar de serem fatores de desumanização, a satisfação própria, imediata, o egoísmo, os acúmulos (de "*saberes, haveres e poderes*") apenas para si próprio, parecem tomar, a cada instante, um espaço considerável na consciência cultural da sociedade atual, tornando praticamente impossível a um jovem crescer isento do "enraizamento", em suas concepções e atitudes,

[9] Kolvenbach *apud* Klein, 1997: 83

destas anunciadas “ofertas de prazer e felicidade”. No entanto, um eficaz “antídoto” contra as inúmeras espécies de desumanização é o de uma educação em valores: valores de vida, partilha, respeito, responsabilidade, amor, comunhão, doação, os quais, porém, precisam vir acompanhados da consciência de que, segundo conhecido pensamento de Vygotsky, *“na ausência do outro, o homem não se constrói homem”.* Sem esta consciência, facilmente poder-se-ia deixar-se levar pelos fatores desumanizantes explicitados acima.

Dessa forma, o papel da educação baseada na Pedagogia Inaciana e – mais especificamente proposto pelo presente trabalho – dos Orientadores Educacionais e/ou Pedagógicos inspirados por esta mesma pedagogia consiste, justamente, em viabilizar o caminho de recuperação/conservação do homem como Imagem e Semelhança de Deus, “re-humanizar” o homem, capacitando e otimizando *“a pessoa para realizar-se plenamente, para dar de si em vista da realização de outros”*[10] Da mesma maneira, assim como é hoje meta educativa da Companhia de Jesus, qualquer escola (seja ela uma obra jesuíta ou não) ou qualquer educador que se inspire na Pedagogia Inaciana deve *“ajudar as pessoas a atingirem a sua maturidade, a atingir a idade adulta do seu potencial humano, todas as suas faculdades, para plenificar-se, plenificando os outros (...). A pessoa se plenifica como tal quando sai de si mesma, olha os outros, reconhece-os como pessoas e empresta o seu ser para a sua plenificação”* (idem). Em síntese, o papel da educação e – particularmente – dos Orientadores Educacionais e/ou Pedagógicos é o de ensinar, estimular seu “educando, orientando” (aluno, professor) a ser feliz porque serve e a servir porque é feliz (e faz o outro feliz).

Não há dúvidas: uma educação de “homens e mulheres para os outros” é um constante semear. Trata-se, porém, de sementes bem definidas, lançadas em solo devidamente e continuamente preparado, ao longo de toda a

---

10 Trecho retirado da tradução, por Luiz Fernando Klein, SJ, de *'Identidad y Misión', in: Proyecto Educativo Común (PEC) de la Compañia de Jesús en A. Latina*. Rio de Janeiro, Coleccíón CPAL, 2006: 45-60.

trajetória escolar dos seres humanos por ela “contemplados”. Os frutos, serão colhidos futuramente – como já o são percebidos, por exemplo, na responsabilidade social de ex-alunos educados por este conceito – através da nova sociedade que, por estes novos homens e mulheres, será construída, seja esta uma nova realidade global ou local. Não se trata de querer formar uma geração de pessoas perfeitas, uma vez que estas nem mesmo existem. No entanto, aposta-se, sim, na formação de uma geração mais consciente de sua responsabilidade consigo mesmo e com o outro, reconhecido como parte de si; aposta-se em uma geração que não tem medo de amar e de fazer o bem e que não tem medo de remar contra as “marés de injustiças” apresentadas. Aposta-se, por fim, em uma geração que, tendo compreendido, na sua dimensão mais profunda, o sentido de ser pessoa, queira correr o risco de, nos pequenos momentos do dia a dia, ser feliz.

BIBLIOGRAFIA

_____. *Características da Educação da Companhia de Jesus.* São Paulo: Edições Loyola, 1998.

_____. *Pedagogia Inaciana – uma proposta prática*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

COSTA, Marisa Vorraber (org). *A escola tem futuro?* Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

KLEIN, Luiz Fernando, SJ. *Atualidade da Pedagogia Jesuítica*. São Paulo, Edições Loyola, 1997.

KLEIN, Luiz Fernando, SJ. *Educação Personalizada – Desafios e Perspectivas*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

KLEIN, Luiz Fernando, SJ, tradução de *'Identidad y Misión', in: Proyecto Educativo Común (PEC) de la Compañia de Jesús en A. Latina*. Rio de Janeiro, Coleccíón CPAL, 2006: 45-60.

LATOURELLE, René. *Teologia da Revelação*. São Paulo: Paulinas, 1981.

www.pedroarrupe.com.br/upload/pivisao.pdf , acesso em 26/03/2009.

ANEXO 1

Regulamento Decreto

Profissão de Orientador Educacional **– Regulamento Decreto nº 72.846, de 26 de setembro de 1973**

Regulamentada a Lei nº 5.564, de 21 de dezembro de 1968, que provê sobre o Exercício da Profissão de Orientador Educacional.

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição, Decreta:

Art. 1º Constitui o objeto da Orientação Educacional a assistência ao educando, individualmente ou em grupo, no âmbito do ensino de 1º e 2º graus, visando o desenvolvimento integral e harmonioso de sua personalidade, ordenando e integrando os elementos que exercem influência em sua formação e preparando-o para o exercício das opções básicas.

Art. 2º O exercício da profissão de Orientador Educacional é privativo:

I - Dos licenciados em pedagogia, habilitados em orientação educacional, possuidores de diplomas expedidos por estabelecimentos de ensino superior oficiais ou reconhecidos.

II - Dos portadores de diplomas ou certificados de orientador educacional obtidos em cursos de pós-graduação, ministrados por estabelecimentos oficiais ou reconhecidos, devidamente credenciados pelo Conselho Federal de Educação.

III - Dos diplomados em orientação educacional por escolas estrangeiras, cujos títulos sejam revalidados na forma da legislação em vigor.

Art. 3º É assegurado ainda o direito de exercer a profissão de Orientador Educacional:

I - Aos formados que tenham ingressado no curso antes da vigência da Lei nº 5.692-71, na forma do art. 63, da Lei nº 4.024-61, em todo o ensino 1º e 2º graus.

II - Aos formados que tenham ingressado no curso antes da vigência da Lei nº 5.692-71 na forma do artigo 64, da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, até a 4ª série do ensino de 1º grau.

Art. 4º Os profissionais, de que tratam os artigos anteriores, somente poderão exercer a profissão após satisfazerem os seguintes requisitos:

I - Registro dos diplomas ou certificados no Ministério da Educação e Cultura;

II - Registro profissional no órgão competente do Ministério da Educação e Cultura.

Art. 5º A Profissão de Orientador Educacional, observadas as condições previstas neste regulamento, se exerce na órbita pública ou privada, por meio de planejamento, coordenação, supervisão, execução, aconselhamento e acompanhamento relativos às atividades de orientação educacional, bem como por meio de estudos, pesquisas, análises, pareceres compreendidos no seu campo profissional.

Art. 6º Os documentos referentes ao campo de ação profissional de que trata o artigo anterior só terão validade quando assinados por Orientador Educacional, devidamente registrado na forma desse regulamento.

Art. 7º É obrigatório a citação do número do registro de Orientador Educacional em todos os documentos que levam sua assinatura.

Art. 8º São atribuições privativas do Orientador Educacional:

a) Planejar e coordenar a implantação e funcionamento do Serviço de Orientação Educacional em nível de:

1 - Escola;

2 - Comunidade.

b) Planejar e coordenar a implantação e funcionamento do Serviço de Orientação Educacional dos órgãos do Serviço Público Federal, Municipal e Autárquico; das Sociedades de Economia Mista Empresas Estatais, Paraestatais e Privadas.

c) Coordenar a orientação vocacional do educando, incorporando-o ao processo educativo global.

d) Coordenar o processo de sondagem de interesses, aptidões e habilidades do educando.

e) Coordenar o processo de informação educacional e profissional com vista à orientação vocacional.

f) Sistematizar o processo de intercâmbio das informações necessárias ao conhecimento global do educando.

g) Sistematizar o processo de acompanhamento dos alunos, encaminhando a outros especialistas aqueles que exigirem assistência especial.

h) Coordenar o acompanhamento pós-escolar.

i) Ministrar disciplinas de Teoria e Prática da Orientação Educacional, satisfeitas as exigências da legislação específicas do ensino.

j) Supervisionar estágios na área da Orientação Educacional.

l) Emitir pareceres sobre matéria concernente à Orientação Educacional.

Art. 9º Compete, ainda, ao Orientador Educacional as seguintes atribuições:

a) Participar no processo de identificação das características básicas da comunidade;

b) Participar no processo de caracterização da clientela escolar;

c) Participar no processo de elaboração do currículo pleno da escola;
d) Participar na composição caracterização e acompanhamento de turmas e grupos;
e) Participar do processo de avaliação e recuperação dos alunos;
f) Participar do processo de encaminhamento dos alunos estagiários;
g) Participar no processo de integração escola-família-comunidade;
h) Realizar estudos e pesquisas na área da Orientação Educacional.

Art. 10. No preenchimento de cargos públicos, para os quais se faz mister qualificação de Orientador Educacional, requer-se, como condição essencial, que os candidatos hajam satisfeito, previamente, as exigências da Lei nº 5.564, de 21 de dezembro de 1968 e deste regulamento.

Art. 11. Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 26 de setembro de 1973; 152º da Independência e 85º da República.

Emilio G. Médice
Confúcio Pamplona

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 8

CAPÍTULO I 10

OS VALORES QUE REGEM A SOCIEDADE DE HOJE 10
1.1 – Como estamos? 10
1.2 – A Educação 11
1.2.1 – Formação para a cidadania 13
1.3 – O que falta? 14

CAPÍTULO II 16

COLOCAR-SE A SERVIÇO DO OUTRO: PESAR OU ALEGRIA? 16
2.1 – Uma proposta educacional existente 16
2.1.1 – Breve síntese sobre a Pedagogia Inaciana 17
2.2 – A felicidade encontrada na proposta do “serviço” 25

CAPÍTULO III 27

ORIENTAR NA FORMAÇÃO DE PESSOAS “PARA OS OUTROS” 27
3.1 – O discurso sustentado nas diversas “esferas” escolares 27
3.1.1 – O Ambiente Escolar 28
3.1.2 – O Professor 30
3.1.3 – O(s) Orientador(es) Educacional e Pedagógico 32
3.2 – A atuação do Serviço de Orientação Educacional e Pedagógica 33

CONSIDERAÇÕES FINAIS 36

BIBLIOGRAFIA 39

ANEXOS 40

ÍNDICE 43